



LEITORAS DE MUNDO: MULHERES E VIVÊNCIAS EM CLUBES DE LEITURA¹

WOMAN READERS OF WORLD: WOMEN AND EXPERIENCES IN READING CLUBS

Amanda Salomão²
Gustavo Silva Saldanha³

Resumo: A procura pelos espaços (loci) plurais de construção, bem como de circulação e reconhecimento dos saberes, representa um dos destinos históricos da epistemologia biblioteconômica-informacional, foco desta pesquisa. O campo empírico da pesquisa é representado por clubes de leitura construídos e vivenciados por mulheres. A estrutura teórica está fundamentada em Ligia Dumont, Paulo Freire e Nicolas Roubakine. Os clubes de leitura são considerados, em sentido micro, como ambientes de compartilhamento de experiências individuais de leitura e, no sentido macro, com o “real”, conjugando sentidos diferentes e significados, “leituras de mundo”, que convergem (ou divergem) quando da discussão de determinado objeto. Nos clubes de leitura (espaços não privilegiados nas pesquisas sobre a produção do conhecimento), os saberes co-construídos configuram fontes em potencial de apropriação de saberes via mediação sociotécnica dos livros e os gestos de sua apropriação, permitindo a construção de uma crítica em relação ao mundo em que se concretiza.

Palavras-Chave: Leitura. Mulher – leitura. Clubes de leitura. Apropriação de saberes. Mediação sociotécnica.

Abstract: *The search for plural places (loci) of construction, circulation and recognition of knowledge, represents one of the historical destinations in Library and Information Science epistemology, focus of this research. The empirical field is represented by reading clubs built and experienced by women. The theoretical framework is based on Ligia Dumont, Paulo Freire and Nicolas Roubakine. Reading clubs is*

¹ O texto aqui apresentado foi submetido, avaliado, aprovado e apresentado no XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) - 50 anos de Ciência da Informação no Brasil: diversidade, saberes e transformação social, transcrito no Rio de Janeiro, na modalidade virtual, entre os dias 25 a 29 de outubro de 2021.

² Doutoranda em Ciência da Informação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCI IBICT-UFRJ). E-mail: amandachrisalomao@msn.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0663-2055>.

³ Doutor em Ciência da Informação. Pesquisador Titular do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Professor Adjunto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: saldanhaquim@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7679-8552>.

understood, in a micro sense, as environments for sharing individual reading experiences, and, in a macro sense, with the “real”, combining different senses and meanings, “readings of world”, which converge (or diverge) when discussing a given object. In reading clubs (spaces not privileged in research on the production of knowledge), the knowledge constructed and circulated configure potential sources of appropriation of knowledge that can be used in the practice of study books to promote the construction and development of a critical awareness in relation to the world.

Keywords: Reading. Woman – reading. Reading clubs. Appropriation of knowledge. Socio-technical mediation.

1 INTRODUÇÃO AOS LUGARES DE VIVÊNCIA DOS CONSTRUTOS DE CONHECIMENTO

‘A força do livro e a da palavra não são ainda empregadas plenamente’, afirma N. Rubakin. ‘Ainda não encontramos os melhores meios de nos servirmos delas. Não sabemos ainda como colocá-las em prática. Nos tempos atuais, o livro ainda não é um instrumento da luta pela verdade e pela justiça. Podemos e devemos, porém, transformá-lo nisso’ (FERRIÈRE, 1917 *apud* OTLET, 2018, p. 48).

A procura pelos lugares (*loci*) plurais de construção do conhecimento, bem como de sua circulação e aprovação, representa um dos destinos históricos da epistemologia biblioteconômica-informacional. São muitos os *loci* de atuação social nos quais os saberes são construídos e apropriados por sujeitos em diferentes contextos e sob distintas formações de subjetividades, ou seja, os lugares de vivência dos construtos do conhecimento. No horizonte epistemológico da Biblioteconomia e Ciência da Informação, isto nos leva a refletir sobre as condições de produção, mediação e apropriação de saberes que circundam as práticas informacionais desenroladas nos clubes de leitura. Aqui, entendemos que as dinâmicas transcorridas nesses espaços, centralmente o compartilhamento de experiências individuais de leitura, socializam e articulam diferentes relações de sujeitos com os artefatos bibliográficos e, em sentido macro, com o próprio real, conjugando diferentes sentidos e significados, ‘leituras de mundo’, que convergem (ou divergem) quando da discussão de determinado objeto.

Trata-se de conceber o ato de ler como manifestação subjetiva das percepções e interações com o mundo de indivíduos situados de modo igualmente particular em um dado espaço-tempo. Nesse sentido, o olhar de Dumont (1998) destaca a leitura como um encontro entre o sujeito e a realidade que o circunda, configurando essa experiência como condição fundamental para a criação de uma perspectiva reflexiva e crítica de mundo. Aqui a apropriação de saberes – vinculada a uma ação de não isolamento, o “tornar próprio” o comum, o saber comungado, na fronteira complexa entre subjetividade e intersubjetividade - é concebida a partir dos processos de percepção, interpretação e apreensão dos signos linguísticos presentes no artefato informacional.

Nos clubes de leitura (espaços não privilegiados nas pesquisas sobre a produção do conhecimento), os saberes construídos e circulados configuram fontes em potencial de apropriação de saberes que podem vir a ser utilizados na vivência prática dos sujeitos leitores

para promover a construção e desenvolvimento de uma reflexão crítica em relação ao mundo em que vivemos. De maneira central, a mediação e apropriação desses saberes no ambiente dos clubes de leitura constituem uma via que é, ao mesmo tempo, humano-tecnológica, configurando o que entendemos nessa proposta como mediações sociotécnicas, noção trabalhada por Saldanha (2014), bem como em diferentes estudos sobre as instâncias mediadoras da informação, com destaque para o Grupo de Trabalho 3 da ANCIB, intitulado 'Mediação, Circulação e Apropriação da Informação'. Em outros termos, trata-se de compreender, pela via da obra roubakiniana, a intencionalidade dos gestos sociais no âmbito informacional - como a prática de leitura - como consecução de qualquer potencial distinção entre o tecnológico e o humano via invenção de 'naturezas' distintas. Da gramática da oralidade - da sistematização dos traços na esfera das técnicas do oral - aos mundos da escrita, o humano se concebe na e para a técnica. A reflexão sobre a leitura na epistemologia do russo Nicolas Roubakine é um modelo dessa expressão na construção da Ciência da Informação - ou seja, na própria fundamentação do campo, leitura e método de pesquisa sobre a leitura podem ser antevistos como centrais para a configuração epistemológica da própria Ciência da Informação.

É neste âmbito que este trabalho se desenvolve. O estudo integra e é resultado de investigações desenvolvidas no âmbito da leitura à luz da epistemologia em Biblioteconomia e Ciência da Informação, tendo como objetivo propor uma reflexão sobre os clubes de leitura como espaços de apropriação de saberes, no contexto do grupo de pesquisa *Ecce Liber*: filosofia, linguagem e organização dos saberes, sediado entre IBICT e UNIRIO, com parceria com a UFRJ. De modo específico, buscamos compreender sob quais condições as experiências de leitura compartilhadas nesses ambientes, pela via da mediação sociotécnica, possibilitam construções coletivas de saberes que potencializam o desenvolvimento de reflexões críticas sobre a realidade ao redor. Esse movimento, em nosso estudo, compreende o campo biblioteconômico-informacional como um território de *práxis*, ou seja, ação social transformadora na materialidade da vida concreta, na qual o sujeito integra a construção de uma realidade social que pode ser transformada via acesso ao conhecimento e experiências de leitura.

De modo específico, a escolha para analisar os clubes de leitura enquanto ambientes de construção, circulação, mediação e apropriação de saberes ancora-se, por um lado, na

relevância central das experiências de leitura para o desenvolvimento de uma capacidade crítica e reflexiva de concepção do real e, por outro, nas considerações apresentadas por Long (2003) e Souza (2017; 2018) acerca desses espaços. Para as autorias, a pluralidade de personalidades, contextos e interações com os materiais de leitura, quando debatidas, potencializam as possibilidades de reflexão sobre si mesmo, o outro, temáticas dificilmente pensadas de modo isolado e, até mesmo, o mundo ao redor. Essas práticas sugerem não apenas modos diversificados de construção e apropriação de saberes, como também oferecem construtos para o desenvolvimento das capacidades de pensar criticamente, refletir e se relacionar com o real, orientando e sendo orientada, ao mesmo tempo, para um horizonte de transformação social. Em outros termos, a pesquisa empírica sobre um dado universo da leitura, o clube de leitura aqui focado, permite o olhar reflexivo em diálogo com as teorias da leitura e do compartilhamento de saberes através de experiências de leitura presentes na produção científica.

No plano teórico-metodológico, a proposta, de fundo teórico e abordagem qualitativa, encontra-se respaldada no pensamento de Nicolas Roubakine (1998), pela via da bibliopsicologia, articulado aos enfoques de Paulo Freire (1989), ambas direcionadas aos atos de leitura em seu horizonte crítico. No que se refere aos clubes de leitura, trazemos as considerações colocadas por Elizabeth Long (2003) e William Souza (2017; 2018) sobre esses ambientes, a fim de contextualizar suas definições e dinâmicas, dialogadas às noções trabalhadas por Gustavo Saldanha (2014) sobre mediações sociotécnicas e os fundamentos de Regina Marteleto (1995) acerca das práticas informacionais e cultura informacional. Essas abordagens são complementadas pelo olhar de Gustavo Saldanha (2019a; 2019b) sobre a contribuição das reflexões críticas desenvolvidas via leitura para pensarmos os construtos que moldam o real e, ao mesmo tempo, podem transformá-lo.

O trabalho encontra-se dividido da seguinte forma: uma discussão sobre as experiências de leitura e seu potencial crítico, com foco para seu compartilhamento nos clubes de leitura pela via da mediação sociotécnica. Em seguida, apresentamos o plano teórico-metodológico do estudo, indicando as abordagens que circunscrevem a presente reflexão. Nos resultados, sugerimos os clubes de leitura como *loci* diversificados de produção, circulação, mediação e apropriação de saberes, cujas práticas informacionais, sociais e simbólicas atuam como instrumentos potenciais de desenvolvimento de reflexões críticas. Por

fim, trazemos os saberes construídos, mediados e apropriados nos clubes de leitura à luz de suas possibilidades de desenvolvimento de um horizonte crítico sobre a realidade, a partir do qual o campo biblioteconômico-informacional é tomado em seu potencial de *práxis* transformadora, capaz de possibilitar uma percepção crítica do real em toda sua opressão e desigualdade, para então transformá-lo.

2 OS LOCI DAS EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS DE LEITURA: produção, circulação, mediação e apropriação de saberes em clubes de leitura

Me parece indispensável, ao procurar falar de tal importância [da leitura], dizer algo do momento mesmo em que me preparava para aqui estar hoje; dizer algo do processo em que me inseri enquanto ia escrevendo este texto que agora leio, processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989, [p. 9]).

A obra da pesquisadora Ligia Dumont (2020) representa, em Biblioteconomia e Ciência da Informação, uma das fontes mais coerentes e ricas para o rigor e o imaginário da pesquisa científica no campo sobre o domínio 'leitura' em sua relação entre teoria e *empíria*. O trabalho da pesquisadora nos permite explorar a produção contemporânea dos territórios e das experiências da leitura no Brasil, e tecer o diálogo com a epistemologia histórica do gesto leitor, chegando à Roubakine (1998), e projetando as pesquisas sobre a leitura no século XXI.

A leitura pode ser concebida, segundo Dumont (1998, 2020), como uma experiência particular que se encontra inserida em uma rede intrincada de valores, sentidos e motivações decorrentes de conjuntos complexos de atividades, sensações e reflexões. Trata-se de um processo associado a componentes cognitivos influenciados pelas subjetividades e cenários de vida daquele que lê e das condições sócio-históricas que fundamentam esses atos, isto é, todas as circunstâncias internas e externas, em permanente interação dialógica, que possibilitam a leitura de um material e orientam seus modos de uso e apropriação.

Os enfoques dados à leitura por Dumont (1998; 2020), pela via social, sugerem o ato de ler à luz de sua concepção de interação sujeito-realidade, cujos sentidos e significados atribuídos aos materiais lidos, bem como os saberes daí apropriados, configuram

representações da relação de sua consciência com o mundo, sendo influenciados pelos modos de percepção, concepção e interação dos indivíduos com essa mesma realidade.

Durante as experiências de leitura, o sujeito leitor está a construir uma realidade própria, um modo individual e subjetivo de apreensão e interpretação, projetando no real o texto lido. Ainda segundo a autora, os processos cognitivos transcorridos durante o ato de ler dialogam saberes arquivados no repertório informacional do indivíduo - construídos ao longo de suas vivências - com as novas informações introjetadas a partir do objeto lido, de modo a reafirmar ou contestar as estruturas de sentidos anteriores, ressignificando ou construindo novos saberes (DUMONT, 1998; 2020).

Na epistemologia biblioteconômica-informacional, reconhecemos no bibliotecário e teórico russo Nicolas Roubakine (1998) semelhante abordagem - foco, dentre outras influências, de profunda demarcação no pensamento de Paul Otlet (2018) e na concepção metodológica do Tratado de Documentação. Em outros termos, apesar da pequena repercussão no pensamento brasileiro e latino-americano em Biblioteconomia e Ciência da Informação, o trabalho roubakiniano é central para a configuração epistemológico-histórica do campo, quando antevista sua influência e a aplicação do modo de pesquisa e de intervenção teórica e aplicada na realidade tecida pelo russo desde o final do século XIX.

A bibliopsicologia, disciplina voltada para os fenômenos psíquicos resultantes do impacto da leitura, se interessa não só em investigar o artefato bibliográfico em sua concepção material, como também em relação àquele que lê – ou seja, os impactos, a recepção, a transformação social do livro no mundo. Aqui, o objeto lido é tomado como instrumento propulsor de experiências psíquicas subjetivas para cada indivíduo, sendo não um fim em si mesmo, mas sim resultado das condições sócio-históricas que circunscrevem sua distribuição, circulação, apropriação e utilização em um dado espaço-tempo (OTLET, 2018; ROUBAKINE, 1998). Nesse sentido, para Saldanha (2019a), trata-se de uma ciência do comportamento verbal, que atravessa as relações entre livro, sujeito e seu meio social.

Em outras palavras, a leitura como um fenômeno da mente, reflexo da relação do sujeito com o mundo - na ótica roubakiniana, reflexo da 'alma' daquele que lê, isto é, seus modos de pensar, interpretar e interagir com o real -, tratando-se de uma experiência que privilegia a subjetividade e o contexto do indivíduo como elementos centrais para compreender as sensações, sentidos e significados despertados por essa interação e sob quais

condições apropriadas saberes. Os saberes apropriados, respaldados em crenças, valores, intersubjetividades e vivências particulares que, por sua vez, ancoram-se em bases culturais, sociais, políticas, econômicas e simbólicas determinadas, podem ser ressignificados ao longo da existência do sujeito conforme sua situação em um dado espaço-tempo, refletindo na maneira como percebe o objeto lido e o mundo (SALOMÃO, 2020).

Para Roubakine (1998), o horizonte bibliopsicológico encontra-se na busca por meios para transformar os objetos bibliográficos em fontes para a compreensão dos impactos do livro na sociedade, os quais, notadamente os estudos acerca das experiências de leitura das massas populares, poderiam oferecer um conjunto poderoso de materiais, fatos e teorias que, dentre as aplicações possíveis destacadas por Otlet (2018), seriam capazes de desvelar um campo de possibilidades de apropriação de saberes e desenvolvimento de reflexões direcionadas à percepção e compreensão críticas do mundo.

O fundamento teórico-metodológico do pensamento roubakiniano está no contexto de opressão da Rússia czarista nas últimas décadas do século XIX aos primeiros anos do XX, no qual a concepção sobre a leitura assume contornos sociopolíticos, alcançando não apenas a leitura de um artefato bibliográfico, mas, principalmente, a leitura do mundo, em uma proposta revolucionária de instrução popular e acesso ao conhecimento contra a alienação.

Nesse olhar, em um horizonte voltado para as possibilidades de transformação social, os livros são concebidos como instrumentos poderosos de conscientização e justiça social, diante de seu potencial para os grupos sociais via aquisição de um espírito crítico que, capaz de perceber a realidade em toda sua opressão e desigualdade, poderia conduzir o desenvolvimento da humanidade na luta pelos direitos dos indivíduos de se instruírem e terem uma vida melhor, a partir do enfrentamento e resistência aos mecanismos de dominação vivenciados no mundo social (ROUBAKINE, 1998; SALDANHA, 2019a; 2019b). Faz-se importante observar que estas condições demarcam a posição política do estudo da leitura na esfera biblioteconômica desde então: a teleologia do fim epistemológico da pesquisa sobre a leitura está no fundamento de uma ciência social que tem como aplicação a transformação política da paisagem investigada.

Nessa mesma direção, Saldanha (2019a) aponta que a proposta desenvolvida por Roubakine pode ser reconhecida nos esforços futuros de Paulo Freire, já no século XX, no que tange à luta social pela emancipação dos oprimidos pela via de uma percepção crítica do real

que, dentre uma de suas possibilidades, se estabelece a partir da concepção do autor de 'leitura de mundo' - o modo como as mentalidades interagem e transformam socialmente o contexto no qual se constituem. A leitura da palavra, do objeto, se dá a partir de uma leitura de mundo, do real: tomando-se o sujeito como um ser social, em constante diálogo com os fenômenos que ocorrem a sua volta, trata-se de entender que suas interações com as obras lidas, bem como a maneira em que se apropria desses artefatos, configuram, pois, reflexos de sua posição no espaço e no tempo.

Essa noção evidencia uma dimensão simbólica dos atos de leitura já postas no pensamento roubakiniano, na qual os sentidos e significados atribuídos aos objetos informacionais representam a maneira como os indivíduos enxergam a si mesmos e o mundo que os cerca, de modo a relacionar aspectos de suas vivências ao que está sendo lido. Significa dizer, para Roubakine (1998), que uma obra pode vir a despertar reações físicas, psíquicas, emocionais e sociais vivenciadas em momentos distintos da existência do indivíduo, armazenadas em seu íntimo e revividas de modo consciente ou inconsciente durante atos de leitura que, por alguma razão, as evocam. São as sensações resultantes dessas interações que, dialogadas à luz dos contextos e subjetividades do sujeito, ativam seu conhecimento e apuram seus elementos subjetivos, permitindo a atribuição de sentidos e significados ao objeto lido e, assim, a apropriação de saberes; conforme já afirmado por Dumont (1998), a reafirmação ou reestruturação de sentidos anteriores quando da comparação entre os saberes apropriados a partir do que está sendo lido com o repertório informacional daquele que lê.

Desse modo, a apropriação de saberes está relacionada não somente à decodificação de signos linguísticos, como também a atores sociais que trazem consigo valores, vivências e saberes que influenciam na maneira como significam o objeto lido e aplicam esses conhecimentos em suas realidades (DUMONT, 1998). Em outras palavras, o sujeito, também produtor de sentidos, integra e é parte da construção de um real que nos é dado e que pode ser transformado via leitura.

Assim, a possibilidade de um horizonte crítico que se vislumbra a partir dos atos de leitura, conforme nos aponta Freire (1989) e Roubakine (1998), está no movimento de questionar e repensar os construtos que moldam a realidade social, refletindo criticamente sobre o mundo que nos é dado (por que não dado de outra forma?), para então transformá-lo (SALDANHA, 2019a; SALOMÃO, 2020). O caminho de luta pela transformação se daria, na

visão dos autores, a partir de uma tomada de consciência, essencial para uma compreensão crítica da realidade e de seus processos históricos, sociais e políticos, o que possibilitaria uma participação ativa dos indivíduos nos rumos da sociedade, no combate e resistência aos mecanismos de dominação. Aqui, o foco central está na força das massas populares, a partir da própria potência do campo biblioteconômico-informacional via leitura e acesso ao conhecimento, bem com a materialidade comunitária das bibliotecas como unidades de 'pronto-atendimento' à transformação social, para conduzir os rumos da humanidade em direção a uma vida nova; ou seja, à transformação social, em uma sociedade livre, justa e democrática. Em termos roubakinianos, trata-se da busca por uma re-humanização da própria humanidade, dados os fracassos da Modernidade no plano da justiça social até aquele contexto, ou seja, as primeiras décadas do século XX e a Primeira Guerra Mundial.

Nesse sentido, a leitura, em sua perspectiva sócio crítica, parte do entendimento de que os indivíduos integram práticas historicamente construídas no interior de relações específicas de poder, as quais influenciam não apenas em suas experiências pessoais, como também em suas relações intersubjetivas com o real. Trata-se, pois, da leitura do mundo, ao mesmo tempo precedida e continuada pela leitura da palavra, em um constante movimento dialético, como forma de dar sentido às experiências vivenciadas na realidade social. A leitura é permeada, segundo Freire (1989, [p. 13-14]), pela possibilidade de “escrever” ou “reescrever o mundo”, isto é, pensá-lo, (re)significa-lo e transformá-lo, através de uma prática crítica em direção à maneira como percebemos, pensamos e nos relacionamos com a realidade ao redor: “[...] uma 'leitura' da 'leitura' anterior do mundo, antes da leitura da palavra”.

Com isso, a partir das concepções propostas, nosso olhar se volta para os clubes de leitura, aqui entendidos como *loci* privilegiados de práticas sociais, informacionais e simbólicas, nos quais as trocas de diferentes experiências de leitura, imbuídas em subjetividades e contextos particulares, permitem o compartilhamento de interpretações múltiplas sobre os materiais lidos.

Em sua concepção contemporânea, os clubes de leitura são entendidos por Souza (2018) como espaços nos quais ocorrem encontros regulares (presenciais ou virtuais) de grupos de pessoas, com o intuito de discutir uma seleção de livros. Apesar de, em sua maioria, serem compostos por mulheres brancas de classe média e escolaridade avançada, os clubes reúnem igualmente pessoas de diferentes idades, classes sociais e capital cultural, revelando

uma multiplicidade de identidades, contextos e histórias de vida (LONG, 1992). Além disso, ainda segundo Souza (2017), mais do que ambientes para o compartilhamento e discussão de experiências de leitura, os clubes de leitura constituem espaços de sociabilidade, nos quais as leitoras podem construir vínculos sociais, afetivos e simbólicos, de modo a aprenderem umas com as outras, com os relatos de leitura e as histórias de vida ali trocadas.

Verificam-se nesses espaços, normalmente pela via da informação oral, trocas e debates que refletem diferentes experiências de leitura e as representações simbólicas que moldam as vivências, contextos e subjetividades dos atores que fazem parte dos clubes, evocadas quando das discussões sobre uma determinada obra que os vinculam a esses *loci* e uns com os outros a partir das linguagens, discursos, experiências, objetos e sujeitos produzidos e articulados nessas coletividades (SALOMÃO, 2020). A pluralidade dos modos de produção e circulação dos saberes nos clubes de leitura evocam a complexidade teórico-metodológica de compreensão desses *loci*.

Para Álvarez Álvarez (2016), os clubes de leitura denotam em suas dinâmicas uma natureza essencialmente colaborativa, na qual as interações transcorridas nas reuniões apresentam, em sua maioria, possibilidades de diálogos igualitários por entre seus membros. Os estudos de Salomão (2020) também caminham nessa direção, apontando para uma dimensão de saberes co-construídos horizontalmente, evidenciados na própria configuração dos assentos (dispostos em círculo) e na preocupação das mediadoras em ouvir com atenção e dar voz a todas as participantes que desejam se manifestar, demonstrando que suas opiniões sobre as obras lidas, bem como os relatos pessoais evocados a partir das relações traçadas com suas vivências, merecem ser ouvidos.

A partir do foco central de compartilhamento de experiências de leitura vivenciadas por sujeitos distintos, Long (1992) e Souza (2017) apontam para o diálogo entre as informações apropriadas durante a leitura individual com aquelas construídas coletivamente nas discussões em grupo, de modo a socializar diferentes visões de mundo, evocar relações entre o que foi lido com histórias de vida e o mundo ao redor e despertar para vislumbres de cenários, interpretações e situações nunca antes pensadas, mas que sugerem modos distintos de construções de sentido e significação sobre si mesmo, o outro e o próprio real.

Nesse enfoque, o olhar de Marteleto (1995) sobre as práticas informacionais nos permite sugerir que as dinâmicas transcorridas nos clubes de leitura, como as trocas sobre

diferentes experiências de leitura e os relatos sobre vivências que surgem a partir das discussões, revelam uma rede complexa de formações simbólicas fundadas em uma dada cultura informacional. A partir dessa noção, podemos dizer que esses ambientes propiciam a produção e circulação de saberes, pois consideram tanto as estruturas materiais e simbólicas de um determinado universo cultural quanto as relações sociais, práticas e representações de indivíduos para investigar como os saberes são circulados e construídos em ambientes de exercício constante de interações sociais.

Trata-se de um movimento de produção simbólica de imaginários e realidades, isto é, de pensar que os sentidos e significados atribuídos, demarcados por modos particulares de percepção, interpretação e interação sujeito-realidade, são transpostos para as vivências e relações traçadas com o clube. Essas dinâmicas informacionais e sociais, segundo o olhar de Marteleto, Nóbrega e Morado (2013), favorecem a criação de redes afetivas e simbólicas entre seus participantes e entre esses mesmos participantes com os objetos e atores que formam esse *locus*, a partir dos quais, via linguagem, ação, agir comunicativo, expandem as possibilidades de reflexões, significações e ressignificações, encontrando-se, em nossa visão, como repercussão das evidências empíricas dos estudos roubakinianos do início do século XX.

É nesse contexto que podemos trazer os aportes trabalhados por Saldanha (2014) sobre as mediações sociotécnicas. Para o autor, aqui a noção de ‘social’ refere-se aos saberes produzidos e circulados pela via humana, constituídos, primordialmente, pelas práticas sociais e informacionais à luz da oralidade, inseridas em uma dada cultura informacional, e ‘técnica’ no que tange à concepção do objeto livro como artefato da tecnologia de comunicação, linguagem e mediação.

Articulado ao âmbito dos clubes de leitura, o olhar de Saldanha (2014) sugere que as dinâmicas de construção e apropriação de saberes podem se dar tanto por meio da interação com os artefatos em sua forma material (marcar os trechos que mais interessam, leva-los para as discussões, recordar determinadas passagens) quanto de modo imaterial, através dos relatos orais das participantes sobre suas experiências com esses objetos, configurando uma mediação que é, ao mesmo tempo, humana e tecnológica (SALOMÃO, 2020).

Nesse sentido, Saldanha (2014) destaca que os processos de mediação se estabelecem para além dos ambientes ditos tradicionais de produção de conhecimento, como bibliotecas, arquivos, museus e universidades, alcançando dinâmicas intersubjetivas articuladas em

contextos socio-simbólicos em uma dada cultura informacional pela via da linguagem oral, chegando até a multiplicidade de zonas de prosa, lugares imaginários cuja concretude está aquém e além das estruturas previamente concebidas como ‘modelares’ para circulação dos saberes.

Essa concepção parte, centralmente, das noções trabalhadas pelo autor, ancoradas nas reflexões de Shera (1977) e articuladas por Salomão e Saldanha (2018). Nos espaços sociais diversificados, dentre os quais enquadram-se os clubes de leitura, o conhecimento se manifesta sob diferentes linguagens e perspectivas, no qual a noção de ‘zonas de prosa’, “[...] conjunto de espaços onde podemos perceber construções distintas de produção e de apropriação do conhecimento, onde a oralidade possui uma forma de atuação constante [...]” (SALOMÃO; SALDANHA, 2018, p. 172), representa um movimento de significação e ressignificação de linguagem, expressa nas trocas orais de diferentes experiências de leitura e de vida, de percepções distintas sobre o real.

Em outras palavras, esses saberes emergem, pois, da intersubjetividade, à luz das relações simbólicas, afetivas e sociais das participantes com as obras lidas e umas com as outras. Tratam-se de processos de produção, circulação, mediação e apropriação de saberes que se dão a partir não de uma ação “**para** o outro, mas **com** o outro” (MARTELETO; NÓBREGA; MORADO, 2013, p. 99, grifo nosso), isto é, ancorado não somente na relação entre sujeito-objeto, mas, principalmente, na articulação entre a intersubjetividade e artefatos significados na ação (SALDANHA, 2014; SALOMÃO, 2020). Aqui, os clubes transcendem sua atuação no compartilhamento de experiências de leitura para alcançar possibilidades de aprendizado com os relatos orais, de leitura e de vida, ali compartilhados.

Segundo Long (2003, p. 22, tradução nossa):

[...] enquanto leem e conversam, [os membros dos clubes de leitura] estão se apoiando entre si em uma elaboração coletiva de suas relações com o momento histórico atual e as condições sociais particulares que o caracterizam. Essa atividade é literalmente produtiva na medida em que possibilita às mulheres não somente refletirem sobre as identidades que já possuem, mas também trazerem à tona novos aspectos de suas subjetividades. Ao olhar para os clubes de leitura formados por mulheres, pode-se ver as pessoas em processo de criação de novas conexões, novos significados e relacionamentos – em relação às personagens dos livros das autorias lidas, consigo mesmas, com os demais membros que integram o clube, bem como com a sociedade e cultura em que vivem.

Daí, os *loci* 'imaginários do imaginário' na 'práxis leitora das leitoras': o espaço é linguisticamente constituído, reunindo um conjunto complexo de tecnologias do traço – ou da *grammé*, como discutido em Otlet (2018) -, que partem da oralidade e não se encerram jamais no código vegetal ou no 'tablete' numérico (também chamado *tablet*). Esses lugares são, deste modo, estruturalmente, zoneamentos prosaicos, travessas de encontro de leituras de mundo que têm, dentre uma miríade de intencionalidades, o exercício de um horizonte comum de leitura, contingencial e posicionado no tempo histórico dessas vivências ali reunidas, mas sempre em passagem.

Nesse sentido, podemos reconhecer na linguagem um instrumento simbólico de representação de diferentes 'leituras de mundo', revelando a potencialidade do diálogo e das trocas orais na construção de significados, através da qual, em uma ação dialógica, indivíduos estão a produzir e compartilhar coletivamente saberes, sentidos, modos de perceber, interpretar, se relacionar e agir no mundo a partir do que foi lido e discutido. Não se trata, simplesmente, de enunciar vivências pessoais e interpretações de leitura aos sujeitos participantes do clube, mas sim de co-construir e partilhar impressões particulares de mundo, o que permite construções imaginárias, interações e diálogos a partir dos quais os saberes compartilhados tomam forma na mente dos sujeitos e são apropriados à luz de seus próprios contextos e subjetividades.

Desse modo, a partir de Marteleto, Nóbrega e Morado (2013, p. 98), trata-se de conceber as experiências de leitura, sobretudo quando compartilhadas, como processos simbólicos que podem configurar-se como territórios de significação e ressignificação *de e para* sujeitos sociais, cujos sentidos produzidos em torno de seus atos possibilitam construir e reconstruir subjetividades em meio aos contextos de vivências de suas participantes, articulando-se com a realidade social em uma interação dinâmica e dialética.

As práticas leitoras e informacionais configuram-se assim como exercícios para a construção dos sujeitos sociais conscientes e críticos de suas possibilidades enquanto produtores e receptores desse fluxo material e simbólico, com o qual vão integrar-se e interagir. É nesse sentido que há um movimento constante de construção a partir das intersubjetividades, pois os sujeitos, singularidades que são, constroem-se verdadeiramente em relação com o outro, em constante e contínua interação, abrindo possibilidades de reelaboração dos significados, do sentido das coisas no mundo [...] (MARTELETO; NÓBREGA; MORADO, 2013, p. 99).

Nessa direção, as práticas transcorridas nos clubes de leitura, desde a seleção dos materiais até os debates, transcendem as discussões sobre o artefato propriamente dito para alcançar, possivelmente, reflexões sobre a relação dos sujeitos com o mundo - aspectos de si mesmos e da realidade ao redor transpostos para as dinâmicas do clube -, expandindo as possibilidades de direcionar para um caminho de percepção crítica e tomada de consciência. Como colocado por Paulo Freire (1989, [p. 17]), “cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros”.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

É essencial [...] uma relação dialética dos seres humanos com o mundo, por um lado, e com a linguagem e com a ação transformadora, por outro (GIROUX, 2011, [p. 36]).

A reflexão, de abordagem qualitativa e do tipo exploratória, adota uma perspectiva teórica nas investigações sobre a leitura no horizonte epistemológico biblioteconômico-informacional, sustentada, por um lado, pela concepção dos atos de leitura à luz de seus contornos sócio críticos e, por outro, no potencial das experiências de leitura compartilhadas no âmbito dos clubes de leitura para a produção, circulação, mediação e apropriação de saberes que podem resultar em reflexões críticas sobre a realidade.

Na primeira direção, nosso percurso é orientado pelos aportes da bibliopsicologia de Roubakine (1998), articulados aos enfoques críticos de Freire (1989), ambos direcionados ao ato de ler em sua concepção de ‘leitura de mundo’. O olhar seguinte, centralizado nos clubes de leitura, fundamenta-se nas definições de Long (2003) e Souza (2017; 2018), na noção de mediações sociotécnicas trabalhadas por Saldanha (2014) e os construtos de Marteleto (1995) sobre práticas informacionais e cultura informacional. Essas visões nos permitem interpretar as dinâmicas transcorridas nesses espaços à luz dos processos de construção e apropriação de saberes a partir dos objetos, atores, linguagens e formações simbólicas que compõem esses *loci*.

A delimitação proposta é complementada pela abordagem de Saldanha (2019a; 2019b) no escopo dos estudos críticos em informação pela via epistemológica, a qual concebe o campo biblioteconômico-informacional enquanto território de *práxis* social transformadora

que, dialogada ao pensamento roubakiniano e freiriano, postula o potencial do acesso ao conhecimento e da leitura como instrumentos de reflexões críticas e transformação.

4 RESULTADOS: encontros de leituras críticas de mundo e da palavra nas travessias sociotécnicas

Ao mesmo tempo, porém, a linguagem também era encarada como o terreno sobre o qual os desejos, aspirações, sonhos e esperanças radicais ganhavam sentido pela incorporação do discurso da crítica e da possibilidade (GIROUX, 2011, [p. 37]).

No campo epistemológico informacional, os clubes de leitura são tomados como ambientes ‘não tradicionais’ no escopo da produção de conhecimento quando comparados às instituições formais, como bibliotecas, arquivos, museus e universidades, constituindo-se, pois, como *loci* ‘diversificados’ de construção, circulação, mediação e apropriação de saberes. Nesse enfoque, o olhar de Saldanha (2014) e Salomão (2020) nos permite conceber os clubes de leitura como territórios de desenvolvimento de práticas informacionais, sociais e simbólicas, que se manifestam através de ações mediadas, ao mesmo tempo, pelos artefatos de tecnologia da informação (mediação tecnológica) e os relatos orais sobre experiências de leitura e de vida (mediação humana), respondendo por uma relação entre objetos e sujeitos como ‘metamediadores’ de artefatos significados na ação.

Essas dinâmicas, segundo as autorias, transcendem os tradicionais ‘modos científicos’ de construção, mediação e apropriação de conhecimento, respaldando-se nas tecnologias de linguagem e informação, experiências compartilhadas de leitura, trocas cotidianas e relações afetivas que se constroem no contexto sócio simbólico do clube como modo de evocar, em uma dada cultura informacional, a produção de novos sentidos e significados via saberes ditos populares.

Trata-se de pensar a leitura como um instrumento de construção e estreitamento de conexões sociais e simbólicas em torno de uma materialidade em comum, não vinculada ao artefato propriamente dito, mas sim às circunstâncias que envolvem a ocorrência desse ato (ROUBAKINE, 1998). Ou seja, aspectos e vivências que unem e relacionam leitoras de alguma forma via mediação humano-tecnológica, influenciando não somente na maneira como interagem com os objetos, os relatos orais, e traçam associações com suas vidas, mas também na forma como lhes atribuem sentidos e significados.

Nessa direção, a concepção crítica conferida por Nicolas Roubakine (1998) e Paulo Freire (1989) aos atos de leitura nos revela que as dinâmicas transcorridas nos clubes de leitura sugerem as possibilidades da leitura compartilhada. Essa concepção nos direciona para as dinâmicas de aprendizado e co-construção de saberes que se apoiam não somente nas obras lidas, mas, principalmente, nas realidades apresentadas e vivenciadas pelas participantes, nas leituras de mundo que se deixam entrever nas conexões que estabelecem entre suas próprias vidas com o que está sendo lido (SALOMÃO, 2020). Leituras de mundo que oferecem, a partir da relação e diálogo umas com as outras, um potencial de vislumbre sobre outras realidades possíveis, bem como a compreensão de si mesmas e do mundo ao redor. A apropriação de saberes aqui se dá, conforme nos lembra Marteleto, Nóbrega e Morado (2013) e Saldanha (2014), na intersubjetividade, na troca de histórias de vida, no aprendizado umas com as outras, à luz de suas próprias realidades; ou seja, partem dos olhares daqueles que integram os grupos sociais e produzem sentido, participam ativamente de sua ordenação social.

É, precisamente, essa troca, essa apropriação coletiva de saberes via mediações sociotécnicas que nos revela um potencial de reflexões críticas nesses *loci*. Aqui, as possibilidades de tomadas de consciência em um horizonte crítico não seriam inculcadas, enunciadas, mas sim desenvolvidas dialogicamente, de forma horizontal, como atividades essenciais para pensar o real:

[...] por podermos nomear o mundo e, assim, tê-lo dentro da mente, podemos refletir sobre seu significado e imaginar um mundo mudado. A linguagem é o meio para atingir uma consciência crítica, a qual, por sua vez, é o meio de imaginar uma mudança e de fazer opções para realizar transformações ulteriores (GIROUX, 2011, [p.15]).

Esse olhar trazido pelo autor sobre o pensamento freiriano nos conduz mais uma vez à concepção da linguagem como instrumento sociopolítico de enfrentamento e resistência, forma de (re)construção constante nos clubes de leitura. A linguagem seria, para Paulo Freire, elemento central da ação humana rumo à transformação social, constituindo tanto um “[...] terreno de dominação quanto um campo de possibilidade” (GIROUX, 2011, [p. 37]). A partir dos clubes de leitura, podemos reconhecer nos construtos fundamentados na linguagem oral um campo de possibilidades que se abre e ganha seus sentidos através da crítica, isto é, dos atos de questionamento, resistência e enfrentamento a uma série de opressões e

desigualdades que se manifestam no mundo social, dentre muitas formas, também via linguagem. Em outras palavras, dinâmicas de desenvolvimento de reflexões críticas que transcendem a obra lida para alcançar a relação desses sujeitos com o mundo, o uso e aplicação desses saberes em suas realidades.

Assim, na posição de Freire (1989) e Roubakine (1998), perceber, apreender e interpretar a realidade de forma crítica é, antes de tudo, condição fundamental na luta pela própria voz, articulada em um horizonte orientado por e para uma *práxis*, a qual une teoria e ação na busca por uma tomada de consciência moldada coletivamente, cujas reflexões e questionamentos configuram instrumentos potenciais para a construção de uma sociedade democrática e não marcada pelas opressões e desigualdades reinantes no mundo social. A potência transformadora da leitura estaria, desse modo, nas possibilidades de ler-escutar o mundo a partir da palavra, bem como escrever ou reescrever esse mesmo mundo: (re)significá-lo criticamente à luz da maneira como percebemos, pensamos e nos relacionamos com a realidade. Lê-se a palavra, lê-se o mundo, pensa-se o mundo e por que não, transforma-se o mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O HORIZONTE CRÍTICO DOS CLUBES DE LEITURA À LUZ DA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

‘O meu trabalho é um trabalho de revolta, de luta enérgica contra as condições do mundo atual’, disse Roubakine (FERRIÈRE, 1917, p. 132, tradução nossa).

A partir das considerações aqui propostas, o que pretendemos expor ao longo deste estudo foi que os clubes de leitura podem ser concebidos como espaços de apropriação de saberes, *loci* travessia - lugares de passagem em construção - notadamente a partir das trocas e debates sobre experiências distintas de leitura e, até mesmo, de vida. Nesses ambientes, torna-se possível verificar a ocorrência não apenas de práticas informacionais, como também de interações sociais e simbólicas através das quais os diálogos entre e dos sujeitos com os elementos que compõem e formam esses *loci* podem vir a despertar participantes para modos distintos de uso, sentido e significação dos saberes aí construídos, circulados, mediados e apropriados em suas realidades, ampliando as chances de desenvolvimento de reflexões críticas sobre si mesmas, o outro e o próprio real.

Especificamente na epistemologia biblioteconômica-informacional, as possibilidades de saberes e reflexões críticas emergidas nas discussões nos clubes de leitura pela via da mediação sociotécnica nos despertam para os propósitos sócio críticos de leitura contemplados pelo pensamento roubakiniano e freiriano. As noções dos autores sobre o ato de ler em sua concepção de “leitura de mundo”, quando dialogado aos clubes de leitura, nos revelam modos de percepção e interação com a realidade que transcendem a própria dinâmica de leitura e discussão de uma obra propriamente dita para alcançar uma *práxis* da leitura, interpretada em seu potencial como instrumento de construção e tomada de consciência crítica coletiva sobre o mundo ao redor.

Nesse olhar, as experiências de leitura compartilhadas nos clubes contemplam e pressupõem uma multiplicidade de leituras de mundo de diferentes sujeitos, participantes de diferentes realidades, implicadas no ato de ler criticamente o real para formar seres atuantes no mundo social. A leitura é concebida, sob o pensamento de Freire (1989) e Roubakine (1998), como fonte de significações, ressignificações e construções de subjetividades, a partir dos quais torna-se possível perceber e compreender o mundo que nos cerca.

O movimento rumo ao desenvolvimento de leituras críticas coletivas - da palavra e do mundo - está dialeticamente associado, segundo a argumentação roubakiniana, às investigações acerca das condições sócio-históricas de leitores e leitoras, sobretudo aqueles pertencentes às camadas menos privilegiadas, ante os moldes (anteriores, mas também atuais) de produção e apropriação de saberes em domínio quase exclusivo de uma elite cultural. O olhar de Roubakine (1998) sugere que a sociedade só pode ser transformada quando as camadas menos favorecidas estiverem em posse dos modos de apropriação de saberes historicamente não compartilhados pelas classes dominantes, o que podemos traduzir, dentre as várias possibilidades existentes, no acesso à leitura e, por sua vez, ao desenvolvimento de tomadas de consciência coletivas. Os saberes construídos e apropriados nos clubes de leitura poderiam conduzir, na perspectiva roubakiniana, a um novo olhar sobre o real - ou seja, a transformação social propriamente dita.

Destaca-se, ainda, de modo específico, a longa tradição de reflexão entre leitura e transformação social no campo biblioteconômico-informacional: a caminho do centenário, em 2022, da publicação da obra máxima de Roubakine sobre leitura, a proposta desta pesquisa reposiciona a trajetória de estudos críticos sobre leitura. Igualmente, os mais de cem

anos de produção roubakiniana demonstram, pela outra via, como a leitura, como categoria conceitual e social, estabelece um modo específico de compreender a noção de mediação no campo, com profunda fundamentação em nossa construção epistemológica. A categoria sob as vias do léxico de Roubakine, quando aplicada aos clubes de leitura, demonstra sua vitalidade e emergência ainda presentes na dinâmica de luta pela mudança social.

Na visão de Saldanha (2019a; 2019b), essas noções sugerem, centralmente, o campo biblioteconômico-informacional diante de sua concepção de território de *práxis* comprometida com a transformação, na qual as dinâmicas transcorridas nos clubes de leitura revelam a potência dos saberes construídos, circulados e apropriados intersubjetivamente - e do próprio campo em si - para propor reflexões críticas que permitem a percepção da realidade em toda sua opressão e desigualdade.

Em outras palavras, trata-se de compreender os atos coletivos de leitura, sobretudo quando compartilhados, à luz da busca pelo indivíduo em sua intersubjetividade, no qual integra a construção de uma realidade que encontra na *práxis* da leitura e na “experiência-mundo” do sujeito leitor, sua “leitura de mundo”, construtos para perceber, refletir, se relacionar e atuar no real de forma crítica, constituindo potenciais para transformar seus atores e, em sentido amplo, o mundo no qual encontra-se inseridos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e a Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) pelo fomento ao desenvolvimento da pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ÁLVAREZ ÁLVAREZ, Carmen. Clubs de lectura: ¿una práctica relevante hoy? **Información, Cultura y Sociedad**, Buenos Aires, v. 35, p. 91-106, dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.34096/ics.i35.2512>. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/ICS/article/view/2512>. Acesso em: 17 fev. 2022.
- DUMONT, Lígia Maria Moreira. Construtos próprios sobre leitura na Ciência da Informação. In: DUMONT, Lígia Maria Moreira. (org). **Leitor e leitura na Ciência da Informação**: diálogos, fundamentos, perspectivas. Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2020. p. 21-52. Disponível em: <http://biblio.eci.ufmg.br/ebooks/2020070001.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2022.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. **O imaginário feminino e a opção pela leitura de romances de séries**. 1998. 247 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 1998.

FERRIÈRE, Adolphe. La psychologie bibliologique, d'après les documents et les travaux de Nicolas Roubakine. **Archives de Psychologie**, Genève, t. XVI, n. 61, p. 101-132, 1917.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se complementam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GIROUX, Henry. Introdução: alfabetização e a pedagogia do empowerment político. *In*: FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. [p. 25-54].

LONG, Elizabeth. **Book clubs: women and the use of reading in everyday life**. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

LONG, Elizabeth. Textual interpretation as collective action. **Discourse**, Detroit, MI, v. 14, n. 3, p. 104-130, 1992. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41389235>. Acesso em: 17 fev. 2022.

MARTELETO, Regina. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 1-8, 1995. DOI: <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v24i1.613>. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/613>. Acesso em: 17 fev. 2022.

MARTELETO, Regina; NÓBREGA, Nanci; MORADO, Denise. Cultura informacional: demarcações de uma linha de estudos de cultura, informação e sociedade. *In*: ALBAGLI, Sarita (org). **Fronteiras da Ciência da Informação**. Brasília, DF: IBICT, 2013. p. 80-108. Disponível em: <https://livroaberto.ibict.br/handle/1/1020>. Acesso em: 17 fev. 2022.

OTLET, Paul. **Tratado de documentação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32627>. Acesso em: 17 fev. 2022.

ROUBAKINE, Nicolas. **Introduction à la psychologie bibliologique**. Paris: Association Internationale en Bibliologie, 1998. v. 1.

SALDANHA, Gustavo Silva. A invenção da Ciência da Informação segundo Nicolas Roubakine (Rubakin). **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [s. l.], v. 12, n. 1, 2019a. Disponível em: <https://revistas.ancixbz.org/index.php/tpbci/article/view/477>. Acesso em: 07 maio 2021.

SALDANHA, Gustavo Silva. Mediações e formações simbólicas: notas cassirerianas sobre linguagem, conhecimento e cultura na Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 1202-1221. Disponível em: <http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt3>. Acesso em: 07 maio 2021.

SALDANHA, Gustavo Silva. Sem e cem teorias críticas em Ciência da Informação: autorretrato da teoria social e o método da crítica nos estudos informacionais, uma bibliografia benjaminiana aberta. *In*: BEZERRA, Arthur Coelho *et al.* **iKritica**: estudos críticos em informação. Rio de Janeiro: Garamond, 2019b. p. 171-240. Disponível em: <https://www.garamond.com.br/loja/ikritika-ebook>. Acesso em: 17 fev. 2022.

SALOMÃO, Amanda. **Leitura, apropriação de saberes e transformação pessoal**: relações subjetivas e intersubjetivas a partir das perspectivas de mulheres pertencentes a clubes de leitura. 312 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – UFRJ/IBICT, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1098>. Acesso em: 17 fev. 2022.

SALOMÃO, Amanda; SALDANHA, Gustavo Silva. A feira de livros a partir de narrativas orais: uma experiência simbólica na cultura informacional do Rio de Janeiro. **INCID**, Ribeirão Preto, SP, v. 9, n. 1, p. 168-193, mar./ago. 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v9i1p169-194>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/140617>. Acesso em: 17 fev. 2022.

SHERA, Jesse. Epistemologia social, semântica geral e Biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 6, n. 1, p. 9-12, 1977. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/92/92>. Acesso em: 07 maio 2021.

SOUZA, Willian Eduardo Righini de. Clubes de leitura: entre sociabilidade e crítica literária. **Informação & Informação**, Londrina, v. 23, n. 3, p. 673-695, set./dez. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2018v23n3p673>. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/29187>. Acesso em: 17 fev. 2022.

SOUZA, Willian Eduardo Righini de. Mediações entre as expectativas do leitor comum e do crítico literário em relação aos clubes de leitura. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília, SP. **Anais** [...]. Disponível em: <http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/viewFile/14/527>. Acesso em: 06 maio 2021.